



“Não nos Representam!”: da Crise de Legitimidade Feminista no Discurso de Mulheres do Movimento Brasil Livre – MBL

From Gender Theories to the Feminist Legitimacy Crisis: The Women's Organization for Political Action in the Movimento Brasil Livre – MBL

Salomé Margot Melo Ferreira ¹
Edil Ferreira da Silva ²

RESUMO

O artigo objetiva analisar os discursos relacionados às perspectivas de gênero proferidos por mulheres em vídeos divulgados no canal do Movimento Brasil Livre no YouTube. Os discursos femininos sobre o tema são escassos e evidenciam conservadorismo, voltados a uma visão limitada e normatizadora do corpo feminino: bonito, útil e digno de exposição.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Brasil Livre. Gênero. Discurso Feminino.

ABSTRACT

The article aims to analyze the speeches related to gender perspectives given by women in videos broadcast on the Movimento Brasil Livre channel on YouTube. Female discourses on the subject are scarce and show conservatism, focused on a limited and normative view of the female body: beautiful, useful and worthy of exposure.

KEYWORDS: Movimento Brasil Livre. Gender. Female Speech.

* * *

Introdução

Nas últimas décadas, o cenário político brasileiro, sob o fundamento de uma sociedade pautada nas liberdades política e de expressão, tem sido palco do aparecimento e a integração de diversos agentes que, representando grupos ideológicos de diferentes matizes, reivindicam vez e voz no espaço público, com vistas à apresentação e ao atendimento de suas demandas.

¹ Graduada em Direito pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande – PB, Brasil. E-mail: salomemargot@gmail.com.

² Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Ciências da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro. Professor Orientador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande – PB, Brasil. E-mail: edilsilva@uol.com.br.

Para compreender estas vertentes, é preciso esclarecer, conforme Bobbio (2012), que a diferença entre estes posicionamentos políticos envolvem variáveis centrais e, por vezes, antípodas, como hierarquia/participação, ordem/autonomia, democracia/autoritarismo, igualdade/desigualdade/liberdade, reforma/revolução e liberalismo/coletivismo, direita/esquerda.

Em meio a essas dicotomias e de modo simplista, Cepêda (2018) explica que a Direita seria, assim, o campo de vertentes políticas orientadas pelo reconhecimento da desigualdade como ordem natural, a qual limita a inclusão social, a ação política e o acesso ao poder. A Esquerda, contrariamente, seria o campo ideopolítico em que emerge o desejo de superação dessa ordem e a instauração da igualdade material entre os indivíduos. Ambos os espectros possuem variantes, permitindo se falar em extremos, além de vias intermediárias, como ocorre com o Centro.

Neste panorama, além das ideologias de Esquerda, de Centro e de Direita que comumente se apresentam politicamente, observa-se a ascensão de posicionamentos extremistas, dando origem ao que, popularmente, tem sido denominado como “Nova Esquerda” e/ou “Nova Direita”. O termo “nova”, conforme Chaloub e Perlatto (2016), dá sentido a novos meios de atuação, à multiplicação dos instrumentos de luta política, às novidades no cenário político e ao alvo a que se destinam.

De modo específico, a Nova Direita traz uma roupagem diferenciada dos antigos ideais liberais, conservadores e anticomunistas, símbolos clássicos da Direita. Parte de uma maior representatividade e visibilidade concedidas pelas mídias atuais que facilitam a reunião de seus simpatizantes para a elaboração de estratégias de mudança governamental e, conseqüentemente, estatal e social.

Neste contexto, o Movimento Brasil Livre – MBL, registrado oficialmente desde 2014, tem recebido destaque nos últimos anos por sua participação política e seu espectro organizacional que compreende unidades espalhadas por grande parte do país. Definindo-se como um movimento

liberal, as propostas do MBL são, majoritariamente, pautadas no interesse em promover uma política de Estado mínimo, preservando as liberdades individual, de mercado, de expressão e de imprensa. Apesar disso, seus discursos sobre liberdade têm uma prerrogativa moral e o objetivo direto de preservação de valores sociais, mormente patriarcais, denotando, assim, um ímpeto conservador.

Compreendendo a importância da integração feminina em movimentos do tipo como forma de atrair adesões e, conseqüentemente, maior eleitorado, sobretudo quando se considera que as mulheres representam a maioria no universo de eleitores brasileiros, o MBL preocupou-se, recentemente, em inserir suas propostas a partir de discursos femininos. Estas vozes femininas também eclodiram nas ruas já nos movimentos pró-impeachment e que, de forma mais recente, vem ocupando as redes sociais do movimento desde o ano de 2015.

Tais discursos inseridos dentro das pautas daquele movimento são condicionados, portanto, a objetivos e posições político-ideológicas específicas ligadas aos valores propagados pelo MBL. Este artigo pretende compreender esta presença feminina no cenário político conservador, buscando entender sua emergência, seus objetivos e suas motivações.

Necessário ressaltar que, ao analisar tal movimento, este trabalho pretendeu visualizá-lo como representante de uma linha de ação concreta e particular, dotada de recortes de classe, raça e orientação sexual e que se organizou e permanece inserida em um contexto sociopolítico específico. Essas especificidades conduziram os pesquisadores ao tema em comento, no ímpeto de compreender algumas questões como: Qual a inserção social dos discursos femininos desvelados dentro do MBL? Quais os seus objetivos? Qual o ímpeto discursivo de suas ideias políticas? Como se posicionam frente às discussões feministas atuais?

O presente artigo tem como objetivo analisar os discursos proferidos publicamente por mulheres em vídeos divulgados no canal do Movimento Brasil Livre na rede social YouTube relacionados às perspectivas de gênero.

Com vistas ao alcance dos objetivos pretendidos por este trabalho, as bases metodológicas em que está ancorada esta pesquisa se atêm aos pressupostos da Análise de Discurso, apoiando-se no conceito de discurso de Michel Pêcheux (1981), para quem o discurso é impossível de ser analisado como um texto, um objeto primeiro ou empírico, tendo em vista toda a trama social, histórica e ideológica que o constitui dentro de um estado definido das condições de produção.

Assim, as ações retóricas indicativas dos discursos desse grupo de mulheres foram buscadas entre vídeos publicados no canal do MBL no Youtube. Apesar de ter surgido ainda em 2014, somente em 2015 começaram a ser publicados vídeos com discursos femininos, razão pela qual o levantamento proposto por esta pesquisa teve, como limite temporal, os anos de 2015 a 2018. Neste período, foram publicados no canal do MBL, ao todo, 1.789 (mil setecentos e oitenta e nove) vídeos, dos quais somente 21 (vinte e um) foram gravados por mulheres ou tinham participação feminina, quantidade que representa apenas 1,17% (um vírgula dezessete por cento) de todos os vídeos do canal.

Todos os 21 (vinte e um) vídeos gravados por mulheres foram submetidos a uma apreciação inicial com o fim de determinar sua relevância para a presente pesquisa a partir de sua possibilidade de inserção na categoria de análise “gênero”. Ressalte-se que, considerando que os vídeos foram disponibilizados em modo público e que na própria narrativa de suas interlocutoras já existe, em muitos deles, a indicação de seus próprios nomes, não se mostrando necessária a preservação de suas identidades e a garantia do anonimato.

Ainda, para cumprir com os objetivos atribuídos a este trabalho fez-se necessário o uso do método dedutivo. Trata-se, ainda, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual, segundo Godoy (1995), sustenta a perspectiva de que um objeto de estudo poder ser melhor compreendido dentro do contexto do qual é parte. Em relação à leitura teórica proposta, foi relevante o uso das

técnicas de pesquisa bibliográfica, desenvolvidas a partir da análise de textos, artigos e livros elaborados pelos principais autores da temática abordada.

1 Uma Questão de Gênero

A princípio, é necessário ressaltar que gênero, bem como as questões que lhe são pertinentes, se mostra uma categoria útil para analisar a história em geral e não somente a história das mulheres, servindo à compreensão da história das relações humanas, de homens com homens, mulheres com mulheres e uns com as outras.

Conceituar gênero, a princípio, se vislumbra como uma difícil tarefa. Historicamente, como propõe Louro (2007), o conceito de gênero está diretamente ligado à história do movimento feminista contemporâneo e implicado linguística e politicamente em suas lutas, o que remete o início dessa discussão ao século XIX.

Caracterizado por manifestações contra a discriminação feminina e a desigualdade entre os gêneros, o movimento feminista evoluiu, ao longo dos anos, suas pautas e formas de reivindicação, adquirindo visibilidade, inicialmente, com o sufragismo, ao requerer, para as mulheres, direitos que já eram assegurados aos homens, como o voto e a oportunidade de exercer determinadas profissões. A par deste período inicial, chamado de primeira onda do feminismo, a segunda onda, iniciada na década de 60, defendia não somente a emancipação da mulher, mas também sua libertação, ampliando, ainda, os temas de debate para questões diversas, como a sexualidade, problematizando e criticando teorias já sedimentadas e formalizando outras, surgindo, assim, os estudos da mulher.

A década de 70, seguidamente, foi marcada por uma transição que envolveu estes estudos da mulher. Segundo Gregori (1998) esta transição visava preencher as lacunas do conhecimento acerca da situação social das mulheres, substituindo a tomada da variável mulher como único recorte

empírico para iniciar uma abordagem sobre o gênero. Essa transição possibilitou, assim, o surgimento de teorias sobre gênero e sexo.

Scott (1989) explica que, ao longo dos anos, essas expressões foram utilizadas deliberadamente para evocar traços de caráter ou traços sexuais, mas foi através das feministas que o sentido literal, sobretudo do termo “gênero”, foi explorado, como uma maneira de referir-se à determinação social da relação havida entre os sexos.

Gênero é, assim, um meio de distinção social cujos parâmetros são socialmente determinados. Isso significa que não se constitui em um conceito fixo, mas em constante movimento, acompanhando as mudanças históricas e evolutivas que perpassam a própria sociedade. Isso também significa que, ao considerar que as distinções entre homens e mulheres são, fundamentalmente, sociais e não naturais ou ligadas ao sexo biológico que cada um carrega, é possível pensar que provocar mudanças na sociedade pode promover mudanças também nesses fundamentos distintivos.

Para Gregori (1998, p. 224), os estudos que elevam o gênero como categoria analítica têm “demonstrado que posições políticas, éticas e morais podem estimular um diálogo profundamente rico com as noções arraigadas na vida social e, também, com aquelas elaboradas pela produção acadêmica”.

Não somente estas instituições, como também algumas ideologias próprias do pensamento político, presentes, inclusive, nos dias atuais, também constroem significados diversos sobre gênero e sexualidade, como o liberalismo e o conservadorismo, que rebuscam o tradicionalismo das diferenças dos lugares sociais ocupados por homens e mulheres pra promover a preservação da ordem e da harmonia.

Sendo a história política brasileira, notadamente, uma história construída, de forma preponderante, pela participação e por discursos masculinos, a partir dos quais os interesses, as opiniões e as reivindicações femininas foram colocadas em um segundo plano, sobretudo em partidos de Direita, nos quais os ideais conservadores patriarcais foram mais protegidos,

se faz necessário o dito reexame crítico das premissas deste conhecimento histórico, como se pretendeu neste trabalho.

2 Das Teorias de Gênero à Crise da Legitimidade Feminista: “Não nos Representam”

Antes de adentrar no mérito das análises dos discursos que foram elencados nesta categoria, é preciso explicar que os vídeos que foram analisados não possuem um discurso direto, ou seja, não versam somente sobre questões de gênero. Eles também possuem, ainda que dissimulado nos argumentos das mulheres que os emitem, um forte apelo político de crítica aos ideais de Esquerda. Esta coligação entre estes ideais e as discussões de gênero, no entanto, não é característica apenas dos discursos aqui analisados. É, ao contrário, histórica e provém do próprio embate entre Esquerda e Direita acerca da defesa ou da recusa dos direitos multiculturais e das minorias como forma de assegurar a igualdade material dos indivíduos.

Historicamente, tem sido a Esquerda o espectro político que se moveu em defesa dessas minorias. Isto porque a Esquerda, agindo a favor da multiculturalidade e das minorias, defende o que Scheefer (2014) denomina de “discriminação positiva” para assegurar a igualdade, o que seria permitido por meio de políticas públicas que garantam o acesso de bens e serviços àqueles grupos minoritários. A Direita, entretanto, é opositora deste multiculturalismo e se fundamenta na ideia de que o bom andamento social depende de valores compartilhados e de uma cultura comum, superior.

Isso significa, portanto, que nos discursos sobre gênero analisados por esta pesquisa, muito se observa o rebatimento desta defesa das minorias, principalmente das mulheres e dos subgrupos também minoritários em que estas se dividem, fundamentado naqueles ideais de Direita a que o Movimento Brasil Livre afirma pertencer. As mulheres que falam em prol deste movimento, portanto, são sujeitos políticos que produzem e reproduzem os discursos dos grupos hegemônicos do país.

Ao contrário dos vídeos gravados por mulheres ou vozes femininas no canal do MBL que versam sobre outras temáticas, os discursos de gênero são mais recentes, datando de 2017. O primeiro destes vídeos, intitulado de “Feminista leva lição de moral no twitter”, data de 21 de fevereiro de 2017. Com 1min08seg, este vídeo não conta com um rosto ou nome que lhe personifique, apesar da narrativa em voz feminina, e apresenta uma sequência de imagens de mulheres, as quais o movimento qualificou como sendo feministas, expondo seus corpos nus pintados e com pelos à mostra ocupando as ruas em protesto.

Ressalte-se que, apesar da relação entre as imagens do vídeo e o discurso, ambos falam por si quando analisados individualmente. Por trás da exibição de fotos de mulheres militantes feministas mostrando pelos descoloridos nas axilas, seios expostos, um corpo com sobrepeso, cabelos curtos e coloridos e um atitude visualmente histérica ou violenta, a intenção é, justamente, a marginalização desses corpos, a associação do corpo feminista marginalizado com o próprio movimento e, conseqüentemente, a criação de uma imagem que, fugindo das representações sociais sobre o padrão ideal de um corpo feminino, cause repulsa não somente sobre a mulher exposta, mas sobre a ideologia que defende.

Carlos, Silveira e Silva (2019), em pesquisa realizada em postagens em redes sociais acerca de críticas ao corpo feminino/feminista semelhantes às proferidas pelo vídeo aqui analisado, consideram que tais práticas assumem uma posição de sujeito antifeminista. Nesta posição, o discurso é utilizado para carnavalizar a mulher feminista, construindo, assim, um estereótipo de mulher peluda, rancorosa, gorda e agressiva, qualidades que remetem à ideia de monstro, de seres misândricos manipuladores de ódio e raiva em relação à figura masculina, sendo, por isso, notadamente homossexuais.

Tais discursos induzem, ainda, uma associação da gordura à falta de educação alimentar, dos pelos à falta de higiene pessoal e do feminismo ao ódio contra todos os homens, deslegitimando o apelo de igualdade das lutas feministas e associando suas conquistas à construção de um poder patriarcal

ditador. Apresentam, a partir da valoração dessas características, aquilo que foge à norma social estabelecida para manchar o movimento frente a sociedade em geral. O diferente, assim, é para o Movimento uma ameaça ao *status quo* e não, propriamente, a expressão de uma singularidade que é sufocada pelas normas sociais estabelecidas.

Ao lado destes significados que se extraem dos discursos não verbais proferidos no referido vídeo – “Feminista leva lição de moral no twitter” – existe também um discurso verbal com o seguinte teor:

[...] No século 20, o feminismo ensinou que as mulheres podem sim trabalhar para conquistar sua independência. Mas parece que, para as feministas do século 21, ‘lutar pelos direitos das minas’ é sair pelada no carnaval. [...] Pelo menos, sempre existirão as feministas de verdade. As trabalhadoras.

No referido discurso, há a qualificação da conduta da mulher que fez críticas ao trabalho de outras mulheres durante o carnaval e que se afirmou feminista como uma “hipocrisia” em comparação ao fato de que, no século passado, a luta feminista era, justamente, para garantir às mulheres o direito de trabalhar e ter independência. O que se depreende dele, a princípio, é que sua interlocutora realiza uma diferenciação entre as pautas feministas do século XX e as do século XXI. Para ela, enquanto as primeiras lutavam pelos direitos sociais das mulheres, a luta atual é “pelos direitos das minas” saírem “peladas no carnaval”.

Por um lado, não é possível afirmar que tal declaração está totalmente errada. A Segunda Onda Feminista no Brasil, surgida a partir da década de 60, como debatido no tópico anterior, guardou algumas particularidades em relação ao movimento no exterior em razão da conjuntura política nacional existente na época, marcada pelo regime ditatorial.

Segundo Pedro (2013), os obstáculos à liberdade de expressão e ao exercício de outros direitos levaram a lutas políticas e sociais com vieses de Esquerda, as quais contavam com grande participação de mulheres que

também estavam envolvidas no movimento feminista e nas lutas sindicais. Com isso, a questão do trabalho e os problemas da mulher trabalhadora, como baixos salários e condições insalubres, tornaram-se, inicialmente, uma prioridade sobre tantas outras pautas feministas da época.

No entanto, em pouco tempo e ainda no século XX, as demais demandas ganharam força, dando destaque para temas como corpo e sexualidade, requerendo autonomia e liberdade sobre eles. O movimento feminista persiste, assim, como um movimento libertário que não somente requer a inserção da mulher nos espaços públicos, como na vida pública, na educação e no trabalho, mas também realizando, conforme Gregori (2017, p. 57), uma crítica radical à condição do ser feminino, ganhando as ruas com o slogan “nosso corpo nos pertence e o privado também é político”, resistindo à dominação do homem sobre a mulher e levantando questões sobre o domínio do próprio corpo, a busca pelo prazer sexual, a violência doméstica e sexual, aborto, maternidade, etc.

Assim, segundo Barreto (2011), ao contrário do afirmado no discurso do vídeo, os movimentos artísticos feministas que emergiram a partir dos anos de 1970 já tinham o objetivo de quebrar os valores hegemônicos vigentes, sobretudo em relação às representações do corpo da mulher, realçando, por meio da nudez feminina, categorias como identidade, gênero e sexualidade.

A partir de então e até o presente século, o nu feminino não tem mais a intenção de expor a feminilidade da mulher ou incitar o desejo masculino, mas de dar visibilidade a outras construções de corpos que rompem com os padrões sobre o corpo até então considerados normais, questionando desigualdades e propondo debates sobre a condição da mulher na sociedade. A nudez, assim, não é restrita a si mesma, à mera exibição: ela é uma forma de impugnar a ordem social vigente, de construir imagens femininas com identidade própria e (sim!) de permitir que as “minas” tenham direito de “sair pelada no carnaval”.

Ainda no ano de 2017, o canal do MBL no YouTube postou outro vídeo discutindo acerca de questões de gênero. Tal vídeo, denominado “Feministas

não vão denunciar machismo de Lula porque não defendem as mulheres”, foi publicado em 17 de maio daquele ano e seu discurso é narrado por Francine Galbier, forte ativista do movimento que também já protagonizou outros vídeos naquela plataforma.

No referido vídeo, Francine inicia fazendo críticas a um suposto fato de que o ex-Presidente Lula teria culpado sua então esposa, Dona Marisa Letícia, pelo recebimento de um tríplex. Este fato estaria sendo apontado pela Operação Lava-Jato como um abatimento de propinas que o Grupo OAS teria de pagar a ele e ao Partido dos Trabalhadores pelo favorecimento em obras da Petrobrás durante seu mandato. E continua:

[...] E nessas horas nós queremos saber onde é que tá o movimento feminista. Eu te respondo: as feministas não vão denunciar a falta de caráter do Lula, porque a prioridade delas não é a defesa das mulheres. O que existe hoje é um movimento de esquerda empenhado em destruir as características do feminino e disseminar o ódio contra os homens. [...] O movimento feminista não vai te ajudar. Ele vai te manipular, ele vai desconstruir todas as suas características femininas, vai te ensinar a odiar homens e vai te usar para fazer militância política para partidos autoritários de esquerda.

Observo que o principal questionamento de Francine, visível na frase “onde é que tá o movimento feminista”, trata da ausência de envolvimento do movimento na defesa de Dona Marisa contra as associações feitas pelo próprio marido entre ela e o imóvel objeto de corrupção.

A aversão ao movimento feminista neste discurso, portanto, não diz respeito, inicialmente, à contrariedade de Francine ou do MBL a suas pautas e reivindicações, mas a caracterização do mesmo como um “movimento de Esquerda”. Enquadrar a luta feminista como um mero “movimento de Esquerda” não se mostra apenas como uma forma de incitação do ódio e/ou discordância dos indivíduos que se encontram à Direita do espectro político,

como também um meio de associar suas reivindicações a uma estratégia de tomada de poder da Esquerda.

Como afirma Astelarra (1983), a trajetória do movimento feminista contemporâneo brasileiro, que se origina na década de 60, perpassa, de fato, o âmbito dos partidos de Esquerda e esteve, ao longo dos anos, vinculado a eles. No entanto, vai muito além deles, tendo em vista que expressa uma série de problemas que a Esquerda não foi capaz de assumir.

Isso significa que as lutas feministas, apesar de significativas para o âmbito político e, por vezes, decisivas nas eleições de partidos de Esquerda, bem como a despeito de terem se originado e estarem mais inclinadas à agenda de Esquerda, com eles não se confunde. Obviamente, o alcance dos Poderes por aliados e partidos de Esquerda podem favorecer as pautas do movimento, justamente tendo em vista as promessas de defesa das minorias, mas isso não implica dizer que a tomada de poder é condição ou objetivo da existência do movimento.

Seguidamente, no final do trecho do discurso acima colacionado, Francine associa o feminismo e, por consequência, a Esquerda ao objetivo de “destruir as características do feminino e disseminar o ódio contra os homens”. Assim, este discurso não deixa de ter viés político-partidário, no entanto, a crítica realizada por Francine não diz respeito a questões propriamente políticas, que versem sobre o poder ou a administração político-pública, mas a qualidades associadas ao feminismo enquanto movimento de Esquerda.

Neste trecho, Francine usa do senso comum para manipular o próprio senso comum, tendo em vista não haver embasamento teórico que fundamente tal afirmativa, apenas a compreensão de que o empoderamento de mulheres, tal qual proposto pelo movimento feminista, advém da corrupção das características femininas e do ódio generalizado contra homens. Apesar disso, muitos são os que concordam com tal afirmativa, desconsiderando, assim, a importância do movimento para promover a igualdade de gênero.

Para Pondé (2012, p. 60), por exemplo, o feminismo nega um dado cultural importante: a “condição de fragilidade” da mulher, sua dependência em relação aos homens. A partir de então, as feministas acusam os homens de usarem e abusarem das mulheres, demonstrando que o feminismo “só conhece homens ruins e seus efeitos só se abatem sobre homens bons”, os quais não usufruem das possíveis consequências da emancipação feminina.

Francine também chega a afirmar em seu discurso que o movimento feminista está “empenhado em destruir as características do feminino”, colocando o feminismo e feminilidade, assim, como conceitos antagônicos. Conforme Beraldo (2014), a feminilidade é, realmente, um conceito culturalmente naturalizado e muito controverso entre as feministas, tendo em vista que aparece, historicamente, como um fator de ligação entre a mulher, enquanto sujeito, e a construção social da imagem ideal da mulher segundo os interesses de um sistema regido, majoritariamente, por homens.

A feminilidade, neste sentido, não está associada somente ao corpo feminino ou à (hetero)sexualidade, mas às regras culturais que impõem um dever-ser sobre a estética, a roupa, o comportamento, a função, a ocupação, entre outras características que tornariam a mulher, de fato, uma mulher e que, segundo Bourdieu (2003, p. 40), concorrem para fazer da experiência feminina de si e do corpo o limite do “corpo-para-o-outro”, ante a valorização social de determinadas condutas como “sorrir, abaixar os olhos, aceitar as interrupções, etc.”.

Ao insinuar que o movimento feminista vai contra todas essas características, o discurso de Francine incita o medo do feminismo, bem como o receio, em algumas mulheres, de se declararem feministas e serem associadas, por uma sociedade permeada de desigualdades e preconceitos, a uma mulher esteticamente masculinizada, vulgarizada e homossexual.

No entanto, segundo Carvalho (2004), tanto a feminilidade como a masculinidade não possuem significados fixos e, sendo construções variáveis e plurais no tempo e no espaço, se modificando conforme as classes sociais, a origem, a religião, entre outros determinantes culturais, estão sempre

sujeitos a disputas políticas pela atribuição de significados. O que se requer, portanto, é a compreensão de que não existe somente um modelo de feminilidade, mas múltiplos e múltiplas também as formas de ser e se sentir mulher, as quais devem ser reconhecidas e valorizadas socialmente.

No mesmo vídeo, Francine continua:

[...] Discorda de qualquer pauta de esquerda perto de uma feminista pra você ver. Pra elas, tudo o que não é de esquerda não presta. [...] Agora mesmo nessa semana, a nova Miss dos Estados Unidos tá sofrendo ataque do movimento feminista porque ela não concorda com ele [...].

O que Francine relata na sua narrativa é, em outras palavras, o que autores como Andrade (2019), além de fóruns e rodadas de debate, tanto favoráveis quanto contrárias ao movimento feminista e que levantam opiniões de Esquerda e Direita, comumente têm chamado de “feminismo de ocasião”. Não existe na literatura pertinente um conceito já definido sobre este termo. No entanto, é possível compreender o feminismo de ocasião como a situação na qual uma pessoa se apropria de concepções feministas e, até mesmo, se declara feminista em uma situação pontual para obter algum benefício sobre sua imagem pessoal ou a de alguém, mas, em outra oportunidade, demonstra comportamentos e ideias que são contrários aos ideais do movimento.

Assim, o feminismo do movimento feminista, segundo o discurso de Francine, possui limites: ele compreende somente a proteção de determinadas mulheres, daquelas que defendem as pautas de Esquerda, deixando de lado todas as demais que as critiquem, as contrariem ou que defendam as pautas de Direita. Ressalte-se que esta também é uma crítica feita pelas próprias integrantes do movimento feminista, principalmente às celebridades e empresas que, de alguma forma, se apoderam do feminismo e da defesa de outras minorias como forma de angariar fãs e consumidores e o apoio de movimentos, mas cujo discurso não se sustenta na prática.

Ainda, a mesma discussão também foi aposta em outro vídeo publicado pelo MBL no dia 6 de junho de 2018 em seu canal do YouTube e intitulado “Pra quê serve o feminismo?”. Neste vídeo, Nanda Xiê, outra militante do movimento, afirmou que:

[...]Esses artistas querem parecer engajados para saírem bonitos nas fotos e a imprensa divulga aqueles que aderem à agenda. Quem contraria vira párea e é perseguido. Por exemplo, na indústria musical, há canções que empoderam as mulheres e são cantadas por artistas que são consideradas ícone do feminismo. As letras das canções, porém, foram escritas por homens. [...] Isso tudo é, na verdade, uma grande jogada de marketing para que essas falsas ativistas vendam cada vez mais álbuns, ingressos e shows e tudo o que envolve o nome delas. Mas sabe quem é o grande palhaço desse circo? Você! [...] O feminismo, no fim, não passa de um esquema de marketing hipócrita.

Sobre o assunto, Andrade (2019) sustenta que a publicidade está, atualmente, na disputa pela consciência do movimento feminista, confirmando um feminismo de ocasião ao se apropriar do debate para, através dele, apresentar empresas e pessoas como portadoras de alguma responsabilidade social que, na prática, inexistente.

Apesar do forte apelo que a voz desses famosos tem em relação aos seus fãs, podendo, inclusive, dar visibilidade a pautas sociais e influenciar seus seguidores a serem favoráveis a elas, como o feminismo, por exemplo, e ainda que a militância de alguns destes seja, de fato, de ocasião, não é correto afirmar, contudo, como o fizeram Francine e Nanda, que a corrupção dos seus interlocutores e falsos militantes significa a corrupção do próprio movimento feminista.

O feminismo não se limita ou se concentra, assim, nos episódios de militância de celebridades. Ele resiste e, enquanto movimento social, nunca esteve tão vivo, atuante e mobilizado. Alcança, atualmente, setores da sociedade que as primeiras ondas feministas não abarcaram e, com isso,

permite a luta pelos direitos de quem antes não tinha voz, como as mulheres do morro, as trans, as negras, as indígenas, entre muitas outras.

Apesar disso, continuamente, no mesmo vídeo, Nanda já esclarece que seu intuito é mostrar “como o feminismo atual é muito contraditório e, porque não, hipócrita”. Ela se declara como ex-participante do movimento feminista e relata:

[...] Como vocês devem imaginar, eu não passava de uma chata e mimizenta.
[...] Hoje, o movimento é totalmente vitimista, não defende pautas importantes e tá repleto de contradições.

Neste trecho, Nanda acusa o movimento feminista de ser “vitimista”. Segundo Gregori (1993), a atual abordagem vitimista realizada pelo feminismo revela uma tentativa de apontar a responsabilidade exclusiva dos homens, fornecendo para os problemas enfrentados pela mulher na vida cotidiana e na sociedade uma explicação globalizante que atribui sempre culpa aos outros, sem considerar que, nas relações que trava com eles, a mulher também age, condena e agride.

Este pensamento favorece os ideais conservadores, posto que defende, ainda que indiretamente, a ausência de mudanças nos valores e nos usos e costumes sociais que versam acerca de como a mulher é vista ou tratada na sociedade ante o não atendimento das demandas feministas.

A postura do feminismo é apresentar o cenário real das mulheres, entendendo que é preciso denunciar para que a sociedade tome consciência em seu cotidiano do que vem acontecendo. Ao trazer à cena essas situações, o movimento pretende, assim, que se discuta e se questione os porquês dos acontecimentos. A mudança não ocorre sem que se conheçam os fatos, sem que se apontem os envolvidos, sem que se questionem se não poderia ter sido de outra forma. Portanto, é uma estratégia de luta, de transformação do *status quo* e isso não é linear. As contradições estão aí presentes.

Tratando de uma temática diferente, outro vídeo publicado no canal do MBL no YouTube traz uma ex-militante feminista e ex-integrante do grupo Femen, Sara Winter, debatendo acerca do tema aborto. No vídeo, intitulado “Aborto e genocídio negro por Sara Winter” e publicado no dia 18 de junho de 2018, Sara se declara uma ativista “pró-vida, pró-família e pró-defesa”, predicados comumente utilizados por pessoas que se mostram contrárias ao aborto com base em fundamentos conservadores da sociedade.

Biroli (2018, p. 134) compreende que, nas primeiras décadas do século XXI, a “defesa da família” tem sido a palavra de ordem no Brasil, como já o fora em outras épocas em que se levantavam bandeiras em defesa de “Deus, pátria e família”. Estas práticas têm o objetivo de “retroceder nas exceções existentes à criminalização do aborto”, firmando o entendimento de que “família, sexo e parentalidade são da ordem da natureza, não fatos sociais”.

Em um discurso sob estes fundamentos, Sara relata a legalização do aborto em alguns países e da possibilidade de sua legalização também no Brasil. No intuito de mobilizar opiniões contrárias ao aborto, ela mescla a questão do aborto com a possibilidade de que, caso legalizado, haja um genocídio negro em muitos países, dando, como exemplo, o caso da Organização Não Governamental (ONG) *Planned Parenthood*, nos Estados Unidos. Para Sara:

A *Planned Parenthood* é uma ONG dos Estados Unidos gigantesca que é responsável, segundo a sua própria atual presidente, Cecile Richards, por 30,6% por todos os abortos realizados nos Estados Unidos. Essa ONG foi criada no início do Século XX por [...] Margaret Sanger, uma [...] supremacista branca e eugenista, ou seja, ela acreditava que as pessoas brancas eram muito mais inteligentes, bonitas, fortes e capazes do que as pessoas negras, hispânicas e orientais. [...] Você sabia que a maior parte das clínicas de aborto da *Planned Parenthood* foram colocadas estrategicamente em bairros onde a maioria da população é negra? São de afroamericanos? [...] Tu vai continuar apoiando o aborto sabendo que o aborto foi feito não pela emancipação das mulheres, pra lutar pelos direitos reprodutivos das mulheres, foi feito por uma

eugenista, supremacista branca com um único objetivo de dizimar e reduzir a população negra? Pensa bem, esquerdista, pensa bem, feminista.

Aparentemente, o direito sobre a sexualidade, a reprodução e a maternidade – e, conseqüentemente, sobre o aborto – deveria ser dado ao indivíduo como uma liberdade, tendo ele a possibilidade de exercê-la ou não e de fazê-lo a sua maneira. No entanto, ao longo da história, tem sido perceptível o seu caráter político, tendo em vista todas as intervenções sociais que requerem seu controle e limitação.

Este caráter político já havia sido, inclusive, confirmado por Rubin (1999, p. 143) quando afirmou que “o sexo é sempre político”, posto que tem suas próprias políticas internas, desigualdades e modos de opressão e são imbuídos de conflitos de interesses. No entanto, explica que existem períodos históricos em que a sexualidade é nitidamente mais contestada e mais explicitamente politizada, renegociando a vida erótica e todas as suas nuances.

Assim, a tomada de posições contrárias à realização ou legalização de abortos no Brasil é uma característica da politização da sexualidade recorrente no presente momento histórico. Por isso, a contestação desta prática não é exclusividade do MBL ou de outros movimentos de caráter político-partidário, mas tem sido uma bandeira levantada pela parcela mais conservadora da população.

Os argumentos de Sara têm, por outro lado, o sentido de realizar uma associação entre o feminismo e a eugenia, ao alegar que o movimento feminista e suas reivindicações pela legalização do aborto, pelos direitos reprodutivos e pela emancipação feminina tomam por base e “musa inspiradora” Margaret Sanger, criadora da ONG *Planned Parenthood*, eugenista e supremacista branca.

Na década de 1920, Sanger, que se declarava feminista, popularizou o controle de natalidade por meio de contraceptivos e foi percussora de movimentos em favor do planejamento familiar após suas experiências como

enfermeira em bairros humildes de Nova York, nos quais teve contato com mulheres pobres que não queriam engravidar e realizavam abortos autoinduzidos ou clandestinos (GOÉS, 2015).

No entanto, conforme Mesquita (2010), ao ser vastamente contestada pela camada mais conservadora da sociedade e presa em razão de suas ideias, Sanger buscou apoio médico e do discurso eugenista como forma de obter legitimidade para sua causa, marcando, assim, a entrada de profissionais de saúde e eugenistas no debate sobre aborto e controle de natalidade. Segundo Faludi (2001), em defesa dos direitos reprodutivos, o movimento feminista daquela época passou por cima das diferenças de classe e raça, bem como dos discursos eugenistas de Sanger, não se vinculando a eles, apesar de dar popularidade aos métodos de controle de natalidade por ela lançados e que garantiam a liberdade e o prazer sexuais femininos.

Seguidamente, em 28 de junho de 2018, Nanda Xiê rebate as reações contrárias às atitudes de torcedores brasileiros que publicaram um filme nas redes sociais proferindo gritos de “buceta rosa” se referindo a uma russa que não compreendia a língua portuguesa.

A despeito dos comentários relacionados ao próprio vídeo, as problematizações do discurso de Nanda são voltadas para a reação da mídia frente ao episódio. Assim, no vídeo denominado “Precisamos falar sobre B*C*T* rosa”, Nanda reflete:

Mas o pior veio no último domingo com o Fantástico dedicado inteiro à pauta feminista. [...] Pra começo de conversa, é o mesmo Fantástico que tinha a modelo Isadora Ribeiro aparecendo seminua em sua abertura nos anos 80. Seminua e hipermagra, reforçando estereótipos de beleza, um estereótipo que, aliás, a medicina tem insistido não ser nem um pouco saudável. [...] Todo mundo aproveita para se parecer legal, mas a verdade é que não se passa de puro fingimento em massa.

O discurso proferido por Nanda, assim como alguns dos anteriormente analisados, traz o corpo feminino como pauta do debate. A narrativa de Nanda também traz de volta as discussões acerca do “feminismo de ocasião”, já debatido, o qual, segundo o teor de seus argumentos, seria constantemente praticado pela mídia brasileira, especialmente pelo programa dominical “Fantástico”, da Rede Globo. Para ela, o programa foi incoerente ao dedicar-se “à pauta feminista” quando saiu em defesa da mulher russa e criticou os brasileiros que a ofenderam, tendo em vista que o mesmo programa, bem como o canal exibiam performances de artistas nuas e seminuas em sua programação.

Em análise a fatos semelhantes, Souza (2017, p. 76) considera que este tipo de feminismo demonstrado pela mídia através da sensualidade dessas artistas “são valores que contrariam as premissas contestatórias e os questionamentos em torno das relações hegemônicas e binaristas de gênero que continuam a definir papéis e posições de sujeito” a estas mulheres, o que denigre, ao fim, a figura emancipatória feminista, pois os referenciais identitários que emergem desta exposição convergem para representações que não colidem e não desestabilizam o ordenamento social.

Ainda sob o aspecto do discurso de Nanda anteriormente discutido, é possível concluir que ela estabelece um contrassenso entre a defesa dos direitos e do respeito às mulheres, o que seria uma pauta feminista, e a exibição da nudez feminina, o que seria desrespeitoso às mulheres e contrário ao feminismo, inferindo-se, portanto, que o Fantástico seria um “falso feminista” ou “feminista de ocasião”.

No entanto, é necessário considerar que existem várias nuances acerca do corpo feminino que são abordadas pelo feminismo, o que pode causar confusão aos que não se aproximam dele. Neste caso, como lembra Medeiros (2017), corre-se o risco de confundir o uso do corpo voltado para a emancipação com aquele voltado à objetificação do corpo feminino.

O uso do corpo como forma de emancipação feminina, diz Santaella (2008), é um dos novos matizes do movimento e da luta feminista, preocupado

com a aparência, com a sensualidade e, inclusive, a sedução como formas de liberdade e empoderamento feminino, mas recusando que todas essas características funcionem para tornar o corpo da mulher um ornamento para o homem, uma vitrine que exhibe o desejo masculino.

O interessante é que é justamente sob esta perspectiva que o corpo feminino interessa ao capital: como meio atrativo aos olhos, como objeto em que se espelhar e que atrai o consumo em razão da instigação da vontade em ter corpo semelhante. Fazendo uso de roupas, acessórios, cirurgias plásticas, perucas, intervenções estéticas, etc., produzindo lucro que, logicamente, interessa ao liberalismo, para o qual o livre mercado pode lançar mão de todos os recursos disponíveis para melhorar a competitividade. Mas é justamente esse o aspecto, o “estereótipo” de beleza difundido pela mídia que, aparentemente, Nanda critica em seu discurso, destoando assim, dos ideais liberais defendidos pelo MBL. Seu discurso denota, portanto, uma contradição de princípios em relação ao MBL.

Continuamente, a discussão sobre o corpo no final do discurso de Nanda volta-se para outro aspecto relevante para as discussões de gênero: as pessoas trans.

Não vimos reação alguma do movimento feminista quando um homem, fantasiado de mulher resolveu jogar na liga feminina de vôlei. Aliás, pelo contrário, boa parte do movimento feminista achou legal uma competição completamente desigual, além do fato óbvio de ter um espaço feminino invadido por homens [...].

Assumindo posição semelhante à de Nanda e contrária a esta inserção da minoria trans em espaços considerados eminentemente femininos, Constantino (2014, p. 290) retoma a discussão entre sexo e gênero, afirmando que não se pode fugir da biologia humana, ainda que algumas pessoas possam imaginar que a sexualidade é uma construção social alterável à vontade.

Para ele, os integrantes do movimento LGBTQI+, enquadrados em uma única categoria – a do “movimento Gayzista” -, não querem saber de igualdade perante as leis, liberdade individual ou discrição na vida sexual privada, mas inúmeros privilégios que atentam contra o pudor. Sugere ele que, ao invés do moralismo da visibilidade gay, os homossexuais, incluindo as pessoas trans, deveriam retornar à vida privada, à descrição e ao anonimato, resistindo à politização, pois acredita haver um limite para as “conquistas” sexuais.

Em claro embate com as primeiras teorias feministas sobre o gênero, o referido autor, assim como Nanda, valorizam as características eminentemente biológicas, o corpo sexuado do indivíduo para determinar seus espaços na sociedade, espaços estes pertencentes a homem e mulher, macho e fêmea, não havendo possibilidade de ampliação desses espaços ou do próprio gênero. Visivelmente, este é um posicionamento tradicional, conservador, que desconsidera todas as interlocuções do sujeito com a sociedade e todas as influências desta sobre ele no que diz respeito ao gênero. Tal pensamento destina o indivíduo a morrer da forma como nasceu e a seguir, ao longo de toda sua vida, sobre uma linha sexual reta, sem descontinuações ou interseções, sem “invadir” o espaço do sexo oposto.

Para Butler (2018), entretanto, a ocupação destes espaços, como o do vôlei feminino, do banheiro feminino e do Concurso Miss Universo por mulheres trans, é uma ocupação política, tendo em vista que, na sociedade atual, o campo da aparência é altamente regulado e não admite a todos, demarcando zonas em que se espera que muitos sujeitos não apareçam ou que sejam proibidos legalmente de fazê-lo. Esta ocupação permite, assim, a abertura de caminhos para diversas formas de viver o gênero que desafiam as normas sociais predominantes de reconhecimento. É o exercício do performativo, do direito de aparecer, de exercitar a liberdade, uma demanda corporal por ser quem se é.

Butler (2018) também explica o apoio de “boa parte do movimento feminista”, como afirma Nanda em seu discurso, à inserção de mulheres trans em espaços definidos pelo sexo. Para ela, isso significa uma aliança entre

minorias ou populações consideradas descartáveis, de modo que o espaço por elas ocupado, seja nos esportes ou nas passarelas, opera como um lugar de aliança entre grupos que, de outra forma, não teriam muito em comum ou seriam antagônicos. Esta aliança vem do reconhecimento de que a liberdade é mais frequentemente exercitada com os outros, não produzindo uma identidade coletiva, mas um conjunto de relações entre os grupos que incluem suporte, solidariedade e ruptura.

Considerações finais

Ante o exposto, é possível afirmar que os vídeos aqui considerados como falas relacionadas a(os) gênero(s) não são, necessariamente, argumentos que discutem o gênero como um dos conceitos centrais da crítica feminista. Na verdade, o que se apercebe nas falas sob apreciação é o levantamento de temas que, em um contexto amplo, são relevantes para as atuais lutas feministas e suas discussões pertinentes ao debate sobre o gênero feminino, como, por exemplo, direitos reprodutivos, aborto, corpo, maternidade, feminilidade e, inclusive, o próprio movimento feminista.

Assim, os discursos analisados versam, de um lado, sobre a incitação a certas formas de construção das identidades individuais e coletivas femininas que são consideradas aceitáveis em uma sociedade conservadora não só politicamente, mas também em seus valores morais, estimulando características como a beleza, a compostura e a domesticidade e, de outro, sobre críticas a comportamentos e identidades “desviantes” deste padrão, como a liberdade sobre o corpo e a militância por alguns direitos, por exemplo.

Referências

ANDRADE, Pollyana Labre. *Feminismo capturado pelo mercado: o caso da Unilever (anos 1990-2016)*. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ASTELARRA, Judith. *Democracia e feminismo*. Madrid: Zona Aberta, 1983.

BARRETO, Nayara Matos Coelho. Personalidades nuas: um estudo sobre a nudez feminista. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 34., 2011. *Anais [...]*. Recife: Intercom, 2011, p. 2-14.

BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e feminismo contemporâneo. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO*, 4., 2014. *Anais [...]*. São Paulo: ESPM, 2014, p. 1-15.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARLOS, Livia Alves Monteiro; SILVEIRA, Éderson Luís; SILVA, Francisco Vieira da. Por uma arqueogenealogia dos discursos antifeministas na *web*: um estudo da carnavalização do feminismo. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1, n. 1, p. 157-176, 2019.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2004.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: ideias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 24-42, 2016.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Esquerda caviar: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOÉS, Weber Lopes. *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta do povo em Renato Kehl*. 2015. 276 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2015.

GREGORI, Juciane de. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 47-68, 2017.

GREGORI, Maria Filomena. As desventuras do vitimismo. *Estudos Feministas*, [s. l.], v. , n. 1, p. 1143-149, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MBL. Movimento Brasil Livre. *Aborto e genocídio negro por Sara Winter*. [18 jun. 2018]. Interlocutora: Sara Winter. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2Ma15JMUU80>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MBL. Movimento Brasil Livre. *Feminista leva lição de moral no Twitter*. [21 fev. 2017]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2a2EfVcXkIw>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MBL. Movimento Brasil Livre. *Feministas não vão denunciar machismo de Lula porque não defendem as mulheres*. [17 mai. 2017]. Interlocutora: Francine Galbier. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vy6ADI-utRQ>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MBL. Movimento Brasil Livre. *Pra que serve o FEMINISMO?*. [6 jun. 2018]. Interlocutora: Nanda Xiê. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IT-Oov1soqM>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MBL. Movimento Brasil Livre. *Precisamos falar sobre B*C*T* rosa – Nanda Xiê*. [28 jun. 2018]. Interlocutora: Nanda Xiê. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IOUjMEJXvfY>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MEDEIROS, Fernanda Luíza Silva de. Feminismo e neoliberalismo na contemporaneidade: uma “nova razão” para o movimento de liberação das mulheres?. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 146-167, 2017.

MESQUITA, Cecília Chagas de. *Saúde da mulher e redemocratização: ideias e atores políticos na história do PAISM*. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

PECHÊUX, Michel. Ouverture. *In: CONEIN, Bernard et al. Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de “segunda onda”. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 238-259.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTAELLA, Lucia. Mulheres em tempos de modernidade líquida. *Comunicação & Cultura*, [s. l.], n. 6, p. 105-113, 2008.

SCHEEFER, Fernando. Esquerda e direita: velhos e novos temas. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 38., 2014. *Anais [...]*. Caxambu: ANPOCS, 2014, p. 1-24.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. EUA: Columbia University Press, 1989.

Recebido em agosto de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.